



**INSTITUTO
FEDERAL**
Brasília

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília
Campus Brasília
Curso de Pós-Graduação Lato Sensu de Formação Docente em Práticas
Somáticas e Dança

PATRÍCIA LAMANA ANDRADE

CORPOESPÍRITO: ELEMENTE-SE

Eu rezo para você, você reza para mim e juntos rezamos para o planeta.



Brasília
2025

PATRÍCIA LAMANA ANDRADE

CORPOESPÍRITO: ELEMENTE-SE

Eu rezo para você, você reza para mim e juntos rezamos para o planeta.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* de Formação Docente em Práticas Somáticas e Dança do Campus Brasília, do Instituto Federal de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Práticas Somáticas e Dança.

Brasília
2025



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília

TERMO DE APROVAÇÃO

PATRÍCIA LAMANA ANDRADE

CORPOESPÍRITO: ELEMENTE-SE

Eu rezo para você, você reza para mim e juntos rezamos para o planeta

Trabalho apresentado ao Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* de Formação Docente em Práticas Somáticas e Dança, como Trabalho de Conclusão de Curso - TCC aprovado como requisito parcial para obtenção de titulação de Especialista.

Aprovado em 14 de Fevereiro de 2025.

BANCA AVALIADORA

Profa Dra Suselaine Serejo Martinelli

Presidente da banca

Profa Msc Elizabeth Tavares Maia

Avaliadora 1

Documento assinado eletronicamente por:

- Suselaine Serejo Martinelli, **PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO**, em 20/02/2025 13:47:45.
- Elizabeth Tavares Maia, **PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO**, em 20/02/2025 17:34:11.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 20/02/2025. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifb.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 600197
Código de Autenticação: d6aa115b79



Campus Brasília
Via L2 Norte, SGAN 610, Módulo D, E, F e G., None, Asa Norte, BRASÍLIA
/ DF, CEP 70.830-450
(61) 2193-8055

Dedico esse trabalho a minha família Fulni-ô, em especial para meu Pai "Towe", que me acolheu com tanto amor e carinho, a terra sempre reconhece quem são os seus filhos, trazendo-os de volta para casa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que fizeram parte desse processo, em especial aos meus professores que sempre me incentivaram na realização desse projeto.

RESUMO

Este trabalho se propôs a adentrar no universo das sensações que a música ancestral indígena pode proporcionar ao corpo humano, especialmente por meio da dança. As vivências indígenas, através da construção de campos energéticos, aliados às músicas tradicionais e a movimentação corporal, seja ela, movimentos ritmados ou livres, podem afetar nosso corpo humano despertando sensações únicas durante sua execução. A música ancestral indígena, carrega em sua natureza e tradições ritmos marcantes, tons e melodias únicas, transmitidos de geração em geração. Com seus ritmos suaves, melodias tranquilas e sons naturais, a música indígena, quando acompanhada pela dança, estimula nosso corpo de maneira ainda mais intensa. Dentro de uma vivência indígena as combinações entre música e dança podem nos conectar às nossas tradições e culturas ancestrais, despertando uma sensação de respeito, admiração e pertencimento. Assim, a dança se torna uma expressão do corpo em harmonia com a música, uma celebração da vida e das forças naturais que sustentam a existência humana. Inspirada nesses pressupostos, foi feita a criação de uma composição em tempo real de cunho ritualístico, denominada “Elemente-se”, onde as pessoas puderam experimentar uma conexão somática promovida pela cultura dos povos indígenas Fulni-ô e suas músicas.

Palavras-chave: música; dança; vivências indígenas ritualísticas; expansão da consciência.

RESUMEN

Esta obra pretende adentrarse en el universo de sensaciones que la música ancestral indígena puede proporcionar al cuerpo humano, especialmente a través de la danza. Las experiencias indígenas, a través de la construcción de campos energéticos, combinadas con la música tradicional y el movimiento corporal, ya sean movimientos rítmicos o libres, pueden afectar nuestro cuerpo humano, despertando sensaciones únicas durante su ejecución. La música indígena ancestral lleva en su naturaleza y tradiciones ritmos impactantes, tonos y melodías únicas, transmitidas de generación en generación. Con sus ritmos suaves, melodías tranquilas y sonidos naturales, la música indígena, al ir acompañada de danza, estimula aún más intensamente nuestro cuerpo. Dentro de una experiencia indígena, las combinaciones de música y danza pueden conectarnos con nuestras tradiciones y culturas ancestrales, despertando un sentido de respeto, admiración y pertenencia. Así, la danza se convierte en una expresión del cuerpo en armonía con la música, una celebración de la vida y de las fuerzas naturales que sustentan la existencia humana. Inspirado en estos supuestos, se creó una composición en tiempo real de carácter ritualístico, llamada "Elemente-se", donde las personas pudieron experimentar una conexión somática promovida por la cultura del pueblo indígena Fulni-ô y su música.

Palabras clave: música; bailar; experiencias ritualísticas indígenas; expansión de la conciencia.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	04
2. MEMORIAL SÍNTESE	07
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	10
4. REGISTROS DO PROCESSO DE CRIAÇÃO	13
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	25

1. INTRODUÇÃO

Pensar, sentir, agir, perceber, ser. A prática somática nos conduz para esses caminhos, levando a pessoa para a autoconsciência e a conexão com diversas partes do seu corpo. Segundo Bainbridge Cohen (2015, p.44):

A interação dos aspectos consciente e inconsciente na mente é fluída e flui em ambas as direções o tempo todo. O consciente e o inconsciente são um continuum da mente. Cada um deles é a sombra ou o apoio do movimento e da expressão do outro. Quando estamos imersos ou expressivos em um desses aspectos, mais do que no outro, ainda estamos ativamente parados no outro. É na mudança ou na alternância entre os papéis de ouvir e expressar dentro do continuum que conhecemos a nós mesmos e nos sentimos fortes e livres em mente/emoção/espírito.

Observar o próprio corpo e o que está acontecendo com ele é a porta para entrar em contato com nós mesmas, onde estão sediadas todas as nossas experiências profundas do passado, do presente e do futuro.

No caminho dessa perspectiva, este trabalho adentra no campo das sensações que a música ancestral indígena pode trazer para o corpo humano. O corpo é o templo que abriga em si a memória de nossa ancestralidade, é o ponto de conexão com tudo o que fomos, somos e seremos.

A vivência indígena, através da construção de chamados campos energéticos, juntamente com as músicas tradicionais indígenas podem afetar o corpo humano por meio das sensações que são despertadas enquanto a música é tocada ou cantada. A música indígena é uma forma de expressão cultural que possui uma ligação profunda com a natureza e com as tradições desses povos tradicionais. Ela possui características peculiares, como ritmos marcantes, tons e melodias únicas, que são ensinados de geração em geração.

A música indígena também é caracterizada por seus ritmos suaves, melodias tranquilas e sons naturais, e pela incorporação de instrumentos únicos. O mais utilizado nos rituais é conhecido como maraca ou maracá. Dependendo do ritmo, a música pode aumentar a frequência cardíaca, despertando assim uma sensação de energia e vitalidade.

Tais sons nos conduzem para um caminho de conexão com o nosso corpo e com nossos antepassados, ter contato com os povos indígenas, participar de suas vivências, conhecer suas tradições e cultura ancestral, faz com que repensamos: O que estamos fazendo com nossos ancestrais? Como estamos cuidando da memória

daqueles que vieram antes de nós? Qual o legado que eu vou deixar para a próxima geração? Provocando assim mais respeito e admiração.

Em seu livro, *Corpo e Ancestralidade*, a autora Inaicyra Falcão dos Santos (2006) explora a ideia de que o corpo é um meio pelo qual a ancestralidade se manifesta e é transmitida ao longo das gerações. Ela argumenta que nossos corpos carregam memórias e experiências vividas por nossos antepassados, que podem influenciar nossa saúde física, emocional e espiritual.

Como partes essenciais da expressão corporal, músicas e movimentos com uma qualidade orgânica e rítmica única, são inspirados nos ritmos da natureza, estando presentes na vida cotidiana dos povos indígenas. Ao explorar as sensações que as músicas evocam no corpo humano, os dançarinos podem desenvolver uma conexão mais intensa diretamente ligada aos rituais e cerimônias da cultura indígena.

Neste trabalho, percebe-se que a experiência ritualística se assemelha ao contexto vivenciado em algumas práticas somáticas. Portanto, numa tentativa de enriquecer a experiência em dança, um dos objetivos foi criar uma composição em tempo real, permitindo que as pessoas envolvidas explorem movimentos autênticos e expressivos.

Tal proposta está em consonância com os pressupostos da Educação Somática que, segundo Rezende (2008, p. 37):

Oferece uma abordagem que integra o corpo e a mente, promovendo a autoconsciência corporal e mental. Quando associada à prática musical, essa integração pode resultar em uma nova percepção de como o corpo responde ao som e ao movimento. A música, ao trabalhar em conjunto com técnicas somáticas, possibilita a ampliação da percepção interna do corpo, gerando uma maior conexão entre o músico e o seu instrumento, ou entre o ouvinte e a música em si.

Sendo assim, observa-se que a música desempenha um papel fundamental na sensibilização do corpo, atuando como meio para influenciar emoções, percepções e estados de expansão de consciência. Deste modo, pesquisar, explorar e criar movimentações cênicas, numa abordagem que busca promover o autoconhecimento por meio de um contexto ritualístico, pode estimular a compreensão do corpoespírito através da dança.

Dessa forma, os estímulos vibracionais que as músicas indígenas trazem para o corpo humano, além de gerar uma sensação de envolvimento sensorial,

podem ser mais uma fonte de estímulo para explorar, expandir e sensibilizar estados diferenciados de consciência. Assim, conectando com dimensões ancestrais promotoras de saúde por meio do contato profundo consigo, com o outro e com o cosmos.

Trabalhar com músicas indígenas pode proporcionar aos educadores somáticos mais uma ferramenta que pode ajudar os indivíduos a desenvolver uma escuta mais fina de seus corpos, cultivando a presença e a conexão corpo-mente-espírito: sentir-fluir-perceber-ser. Isso pode levar a uma maior conscientização de padrões de tensão, movimento e respiração, permitindo uma abordagem mais holística em direção ao bem-estar corpo-mente-espírito.

Além disso, inserir músicas indígenas, movimentos, dança e rezos nas práticas somáticas também pode ser uma forma de valorizar a cultura indígena, promovendo uma apreciação intercultural e a inclusão de diferentes perspectivas na Educação Somática. Isso enriquece a experiência dos praticantes, ampliando suas referências musicais e sua compreensão das conexões entre música, movimento, diferentes sons, energia, corpo e mente.

Em resumo, parte-se do princípio de que a pesquisa sobre as percepções que as músicas indígenas trazem para o corpo humano é relevante tanto para a dança, como para a Educação Somática e para o público que não pratica a dança, mas está envolvido de alguma forma com a escuta do seu corpo. Terapeutas, curiosos, simpatizantes, alunos dançantes e não dançantes.

Acredita-se que essa experiência, de vivenciar uma composição em tempo real com os princípios acima mencionados, possa oferecer um enriquecimento pessoal único, incentivando cada indivíduo a explorar e desenvolver sua própria sensibilidade corporal e bem-estar. Além disso, ao valorizar e honrar a cultura indígena, a proposta contribui para o fortalecimento da conexão entre diferentes tradições culturais. De uma forma mais ampla, essa vivência cênico-ritualística tem o potencial de cultivar uma apreciação intercultural profunda e promover a inclusão diversificada, tanto nas artes quanto na educação, ampliando a compreensão e o respeito pelas contribuições culturais dos povos indígenas.

Portanto, o objetivo principal deste trabalho foi criar uma composição em tempo real de cunho ritualístico, onde as pessoas pudessem experienciar uma conexão somática promovida pela cultura dos povos indígenas Fulni-ô e suas músicas. De modo específico, pretendeu-se: destacar como as músicas indígenas

podem proporcionar estímulos diversificados para explorar, expandir e sensibilizar o corpo; mostrar que através da abordagem somática podemos ajudar os indivíduos a desenvolverem uma escuta mais sensível de seus corpos ao trabalhar com músicas indígenas; enfatizar a presença de músicas indígenas na promoção de uma apreciação intercultural e a inclusão de diferentes perspectivas na educação somática; valorizar e honrar a cultura indígena, contribuindo para uma apreciação intercultural e inclusão diversificada nas artes e na educação.

Figura 1. Meu Pai Towe e minha irmã Suyanne.



2. MEMORIAL SÍNTESE

Minha jornada com o povo Fulni-ô começou em um evento indígena que aconteceu no mês de julho perto de Alto Paraíso de Goiás, o lugar se chama Aldeia Multiétnica. Foi durante esse evento que conheci um dos líderes, seu nome espiritual é Towe. A Aldeia Fulni-ô está situada em Águas Belas/PE. Durante sua estadia fora da aldeia, Towe assumiu o papel de líder naquele ano por ser o mais velho do grupo, é assim que são escolhidos os líderes quando eles estão fora do seu território.

O nome Towe (significa FOGO), com sua simpatia, acolhimento, o dom de contar a história do seu povo, ele não apenas cantava e tocava violão, mas também transmitia mensagens de união, respeito pela floresta e cuidados com o próximo.

Sua música transmitia paz, gratidão pela vida e acolhimento, envolvia os ouvintes numa única magia, e mesmo sendo cantada em uma língua desconhecida para muitos (latê), ressoava com harmonia no coração de todos.

Foi nesse contexto que comecei a refletir sobre como as melodias e letras das músicas indígenas podem vibrar, se conectar e se comunicar com corpos de pessoas não indígenas, uma vez que em sua maioria não sabem a tradução das letras das músicas que estão sendo entoadas.

Inspirada pelas palavras de Baainbridge Cohen (2015), que afirma que "a energia vibra e forma padrões na natureza, os quais existem tanto fora quanto dentro do corpo", percebi a força da música quando cantada pelo líder Towe como uma manifestação desses padrões. Essa energia vibrante, somada à experiência de estar entre os Fulni-ôs, despertou em mim o desejo de criar uma vivência capaz de transmitir o respeito e a conexão com o sagrado da floresta tão presentes nas cantigas e nos rituais desse povo.

Retornei a Brasília com uma inquietação: como poderia integrar essa experiência em minha prática artística? Esse questionamento me levou para o curso da Pós-Graduação Lato Sensu de Formação Docente em Práticas Somáticas e Dança, um campo que inicialmente me desafiou, mas que logo revelou possibilidades transformadoras. Durante o curso, explorei exercícios de respiração, meditação e consciência corporal, mergulhando em métodos como Feldenkrais, Eutonia e audiodescrição na dança. Esses foram alguns dos vários ensinamentos que abriram caminhos neurológicos, criativos e emocionais, permitindo-me descobrir novas formas de mover e perceber o corpo.

A prática somática transformou minha visão sobre a dança, me mostrou que o movimento vai além do estético ou técnico, envolvendo um cuidado integral com o corpo e a mente. Como professora, passei a valorizar a singularidade de cada aluno, incentivando-os a se conectarem com seus próprios corpos e a explorarem sua criatividade através do movimento. Em uma das atividades do curso, enquanto construía o meu mapa somático, pude repensar processos coreográficos e incorporar a dança como uma prática terapêutica e transformadora.

A primeira vez que visitei a Aldeia foi durante a cerimônia para a entrada de um ritual que se chama Ouricuri, esse evento acontece uma vez ao ano onde pessoas do mundo todo recebem autorização para entrar no território sagrado Fulni-ô, o público pode frequentar a Aldeia no dia da abertura do Ouricuri no horário

da manhã entre 6h e 13h, depois desse horário, às 13h em ponto todos precisam se retirar, os indígenas se recolhem e ficam lá por três meses, sem contato com o mundo externo, sem luz, aparelhos eletrônicos, contato com pessoas de fora da Aldeia, não é permitido sair do Ouricuri, eles entram em meados do início de setembro e saem no início de dezembro.

Foi nessa busca pessoal, saber dos meus antepassados, fazer um caminho de volta às minhas origens que tive a honra de receber a autorização do Da'tka Cícero Brito (Cacique) para entrar no território indígena Fulni-ô onde acontece esse mesmo evento (Ouricuri), um dia antes desse ritual de entrada fui reconhecida pelo Cacique como filha daquela terra, momento esse de muita emoção e respeito para mim. Nesse instante pude sentir e vibrar no meu corpo a impressão de já ter estado naquele lugar, e ter a certeza de que conhecia aquelas pessoas, são sensações ainda inexplicáveis, essa seria a primeira de muitas idas à Aldeia.

Os Fulni-ôs são um povo indígena do Nordeste brasileiro, com território tradicional em Pernambuco, na cidade de Águas Belas. São reconhecidos por terem preservado sua língua nativa, o Yaathê, e seu ritual sagrado, o Ouricuri, realizado em sigilo absoluto. Historicamente, os Fulni-ô enfrentaram conflitos com não-indígenas pela posse de suas terras e foram forçados a lutar na Guerra do Paraguai (1864-1870) sob promessas de reconhecimento territorial, o que resultou na demarcação de suas terras pelo governo. Apesar disso, sofreram constantes pressões e passaram a arrendar parte de seu território a partir de 1929.

A organização social Fulni-ô inclui um Cacique, que atua na mediação política, e um Pajé, responsável pelos rituais e pela saúde espiritual e física da comunidade, baseado em fitoterapia. A educação escolar é bilíngue, incluindo materiais didáticos que valorizam a cultura indígena.

Economicamente, os Fulni-ô vivem da agricultura, produzindo feijão, milho e mandioca para consumo e venda, além de cultivar algodão e forragem para comércio. A confecção de artesanato com palmeira ouricuri é uma atividade importante, especialmente para as mulheres. Muitos também trabalham fora da aldeia, vendendo seus produtos e divulgando sua cultura.

Os Fulni-ô se destacam pela forte resistência cultural e espiritual, garantindo a continuidade de suas tradições ancestrais dentro e fora de seu território. Em outras visitas a Aldeia pude dar aulas de dança para as crianças entre 7 e 12 anos de idade, repensando a didática e ampliando cada vez mais as várias possibilidades do

pensar coreográfico abrindo espaços e novos caminhos para acolher os diferentes corpos. Também trabalhei com a comunidade aulas de Hatha Yoga, onde muitos deles tiveram contato pela primeira vez com a prática de relaxamento e meditação.

Com a experiência dessa jornada percebi que houve uma união com as vivências proporcionadas pelos Fulni-ôs e o conhecimento ainda novo para mim das práticas somáticas, demonstrando que o corpo é um veículo de memória, conexão e cura.

Essa proposta vislumbrou a criação de uma performance ritual a partir de uma vivência chamada (Elemente-se), onde os convidados entram na frequência da abertura dos portais (Leste, Sul, Oeste, Norte), conhecem seus elementos e o significado de cada um. Em seguida, entram em conexão com a música entoada por Towe (Liderança espiritual) e as movimentações e gestos criados propositalmente para aquele momento da performance. Através dessa apreciação artística, espera-se que os convidados envolvidos pelas músicas, danças, rezos e textos reflexivos, entre em sintonia com seus sentidos e percebam as diferentes sensações no corpo e na mente. Perceber as diferentes sensações que podem reverberar no corpo, com a consciência das frequências energéticas transmitidas por meio das músicas e da dança é um dos objetivos da composição em tempo real que será realizada.

Ao integrar essas experiências em minha vida e profissão, percebo que a dança é uma forma poderosa de honrar nossas raízes, expressar nossa singularidade e promover o autoconhecimento e a transformação. Ao longo deste curso pude estreitar ainda mais os laços familiares, espirituais e aprender com a família Fulni-ô o valor do respeito para com os nossos ancestrais, a importância do Ouricuri (ritual interno indígena) e os momentos únicos e individuais para fazer os rezos. Assim, sigo inspirada por essa vivência, nutrindo meu corpo e minha alma, e compartilhando com os outros o que aprendi sobre espiritualidade, movimento e conexão.

Eu rezo para você, você reza para mim, eu rezo para sua família, você reza para minha família, e juntos rezamos para o planeta.

Figura 2. Curandeiro da Aldeia Tulny Fowá.



4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os aspectos metodológicos do projeto incluíram a realização de uma performance de dança ao redor de uma fogueira, um ritual da abertura dos portais, uma entrevista realizada com Towe, disponibilizada em áudio onde ele conta o respeito que seu povo tem com a natureza (terra, água, fogo e o ar) que respeitosamente ele chama de sagrado.

Essa abordagem metodológica se assemelha a uma prática artística, onde essa prática é o eixo, mas a metodologia associa várias abordagens (PaR) Prática como Pesquisa. Em entrevista para a Revista Brasileira de Estudos em Dança (2022, ano 01, n. 02, p. 200-223), os entrevistados Ciane Fernandes, Melina Scialom e Diego Pizarro discorrem que não se trata apenas da relação entre teoria e prática, mas até que ponto a prática é adotada como um eixo metodológico estruturante (no caso da PaR) ou é articulada como um dado ou uma referência da pesquisa como um todo.

Ao final da performance os participantes são convidados a dançar em círculo, fazendo movimentações típicas da dança Fulni-ô, com marcações nas batidas dos pés, logo em seguida são conduzidos a entrarem num estado de contemplação e meditação. Acalmando o corpo, observando a respiração e os seus batimentos cardíacos para que cada pessoa observe as diferentes formas energéticas durante a vivência.

A intenção foi preparar os participantes para experimentarem as diversas

sensações que as músicas indígenas podem proporcionar para o corpo. Segundo Cohen (2015, p.30): para perceber claramente, a atenção, a concentração, a motivação ou o desejo, é preciso focar ativamente naquilo que vamos perceber. Chamamos esse aspecto da percepção de “focalização ativa”.

Acredita-se que a pesquisa sobre as sensações que as músicas indígenas trazem para o corpo humano é relevante tanto para a Dança quanto para a Educação Somática, bem como para o público em geral, promovendo a consciência corporal, bem-estar, valorização da cultura indígena e inclusão intercultural nas artes e na educação.

A duração do projeto pode variar de uma a três horas de atividades, em uma única apresentação. Os procedimentos de registro e coleta de dados incluíram observações durante os ensaios, entrevistas com os participantes para coletar suas percepções e experiências durante a vivência, além de registros escritos, fotográficos ou em vídeo.

A vivência foi iniciada com uma defumação, que tem como objetivo alinhar o campo energético do ambiente. Os participantes foram orientados a observar a sua respiração e, ao mesmo tempo, visualizar os seus centros de força, conhecidos como chacras. Deste modo, através de uma respiração guiada, os chacras foram alinhados energeticamente.

Figura 3. Apresentação na Aldeia Muietétnica.



De acordo com as referências estudadas no componente curricular Atividades de Extensão, do Módulo II, o projeto propôs:

1. Diálogo com a Comunidade: O projeto envolve a música ancestral indígena, valorizando as tradições dos povos indígenas (especificamente da Aldeia Fulni-ô), o que já aponta para uma aproximação com comunidades tradicionais e suas formas de expressão cultural.




2. Valorização da Cultura Local e Ancestralidade: Ao explorar a música indígena e seus efeitos no corpo, o projeto não só promove o autoconhecimento corporal, mas também incentiva o respeito e a valorização da ancestralidade e da cultura indígena. Isso é uma forma de fortalecer o patrimônio cultural e promover a inclusão social.

3. Práticas somáticas e Interculturalidade: A proposta de trabalhar a educação somática com músicas indígenas propicia uma sensibilização do corpo e uma ampliação da consciência intercultural. A inclusão de práticas indígenas na dança e na educação somática é uma forma de diversificar as experiências educativas e culturais, indo ao encontro de objetivos extensionistas, como a inclusão e a valorização da diversidade.

4. REGISTROS DO PROCESSO DE CRIAÇÃO

Minhas visitas à Aldeia Fulni-ô:

Entrada da Aldeia.	Vista da Aldeia de cima da Serra.
	

<p>Casas originais construídas por seus antepassados.</p>	
	
<p>Lagoa da Jurema.</p>	
	
<p>Towe (meu pai).</p>	

Towe (meu pai).



Towe e Suyanne (minha irmã)



Apresentação na Festa da Nossa Senhora da Conceição (Yassakhlane).



A Dança ancestral Toré passada da Mãe (Tereza Maria do Espírito Santo) para o Filho (Flixiwá)



Apresentação na Festa da Nossa Senhora da Conceição (Yassakhlane).



Entrada da reserva Aldeia Fulni-ô.



Preparação para apresentação.



Dat'ka Cícero de Brito (Cacique).



Dat'ka Gildiere Ribeiro Pereira (Pajé).



Ponto de Cultura Fulni-ô.



Escola Indígena Fulni-ô.



Aulas de Dança.





Aulas de Hatha Yoga para comunidade.



Aldeia Multiétnica (Alto Paraíso de GO)





Apresentação na Aldeia Multiétnica





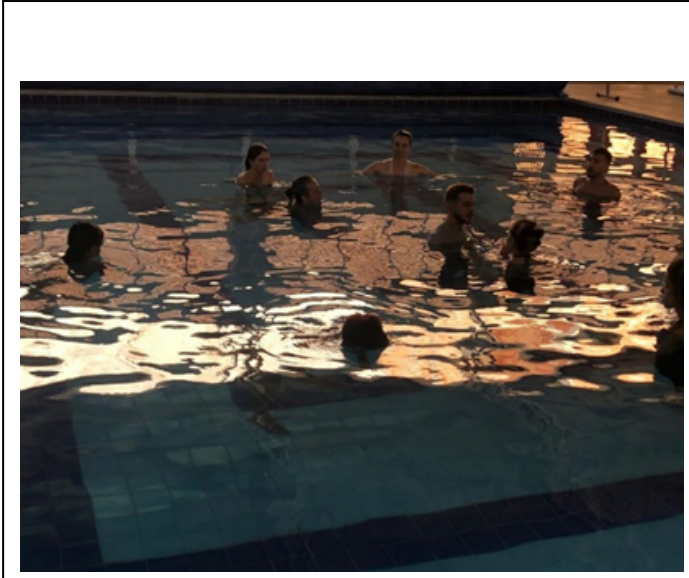
Apresentação na cidade de São Jorge (GO)



Alguns registros da Formação Docente em Práticas Somáticas e Dança.









Nome espiritual (Kosha Ceysilly)

Significado: Flor de Jurema

6. REFERÊNCIAS

BAINBRIDGE COHEN, Bonnie. Sentir, perceber e agir: educação somática pelo método Body-Mind Centering. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015.

FERNANDES, Ciane; SCIALOM, Melina; PIZARRO, Diego. Somática e Prática como Pesquisa em Dança. Revista Brasileira de Estudos em Dança, Rio de Janeiro, ano 01, n. 02, p. 200-223, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rbed/article/view/55319>. Acesso em: 14 de outubro de 2024.

REZENDE, S. M. A educação somática e a música: Diálogos possíveis. Revista Música Hodie, Curitiba, v. 8, n. 1, p. 33-46. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/musica/article/view/6633>. Acesso em: 20 de setembro de 2024.

SANTOS, I. F. Corpo e ancestralidade: uma proposta pluricultural de dança-arte-educação. 2. ed. São Paulo: Terceira Margem, 2006.

EMPÓRIO MURITIBA. Povos indígenas: conheça a etnia Fulni-ô. *Empório Muritiba*, [s.d.]. Disponível em: <https://emporiomuritiba.com.br/blogs/muritiba/povos-indigenas-conheca-a-etnia-fulnio?srsltid=AfmBOopV7WOMuZZqErkrbj9laqkf6g2V1GMszPUTHughvhTJ5XMRZmt>. Acesso em: 17 de novembro de 2024.